

Samuel.

O negro túnel da inviabilidade

Villas-Bôas Corrêa

Uma decisão judicial insensata, da mais rombuada e extravagante insensibilidade, soprou as cinzas da última quinta-feira, que ainda fumegavam, ateando fogo que ardeu em labaredas no centro da cidade.



Duas desordens em menos de uma semana de intervalo, separadas por apenas cinco dias de tensa contenção, obrigam a pensar. O impulso inicial, no rumo das idéias prontas e acabadas, do estabelecido e assentado é identificar um colapso da autoridade e apelar para a violência para restabelecer a ordem em frangalhos.

Ora, o esquema de segurança da Presidência da República falhou no apedrejamento do Paço Imperial, porque não previu, não evitou nem coibiu. Caçam-se agora as bruxas retardatárias numa ânsia de justificar fracassos e incompetências, com a obtusidade do apelo à Lei de Segurança Nacional, símbolo odioso de uma época de vergonha que supúnhamos encerrada não para sempre, mas ao menos por algum tempo.

E ontem? Quem patrocinou a reação contra uma medida contraditória e cruel e que pilhou a todos desprevenidos, com a mesma carga de surpresa e traição do famigerado tranco do 21 de novembro da desmoralização do cruzado e que atirou o presidente José Sarney do pique de uma popularidade inédita para as agruras de uma rejeição que ainda não foi contornada?

Bem, muitas são as respostas, ao gosto das inclinações, idiossincrasias, tendências e paixões de cada um.

Talvez seja possível, com um pouco de bom senso, um encontro debaixo das sombras protetoras de uma avalia-

ção imparcial das causas profundas e mais remotas de um estado de espírito coletivo de frustração decepcionada, de desesperança e de falta de perspectiva, e que explode a cada instante, rompendo os frouxos controles da autoridade hesitante e afirmando o seu protesto caótico, na anarquia episódica que toma conta das ruas e transborda nos excessos mais lamentáveis.

Por mais voltas e nós que se dêem na corda do raciocínio, ele amarra uma única evidência: a sociedade está à beira do desespero porque perdeu a fé, a crença, a confiança. Ela se considera enganada e, o que é pior, procura enxergar à frente e não vislumbra nenhuma esperança.

Tudo e todos vêm falhando seguidamente, em seriado trágico. Desfeitos os sonhos da fantástica mobilização popular que comandou o processo de mudança, encerrando o ciclo revolucionário, como que a roda da fortuna deu marcha à ré, liquidando ilusões e derrubando ídolos de barro de efêmeros equívocos.

O processo de transformação, agora, esbarra de frente com o desafio do imprevisível, do imponderável. Ele mergulhou num túnel escuro de aparentes inviabilidades, atropelando as soluções tradicionais.

Esta é uma marca aterrorizante da crispação da crise. Seguindo-se o formulário da nossa botica de canto de praça, o desmaio da autoridade civil, a desmoralização do governo escancara todas as portas e janelas à intervenção militar.

Certamente que não é esta a saída à vista. Afortunadamente impraticável e indesejável, repelida pela sensatez dos chefes militares, depois de um calamitoso malogro de quase 21 anos. A presença crescente dos militares no desdoramento político é um corolário da desordem pública, da insubordinação social. Mas, por ora, felizmente, justificada, acolchoada pela inspiração superior de garantir a transição democrática. Ora, viva! E que os anjos da guarda da falange verde-oliva conservem a irrepreensível lucidez dos seus protegidos para todo o sempre.

Descartada a monótona opção de emergência de um endurecimento e mais alguns anos de ditadura, arbítrio e inflação, o panorama exhibe o cenário das ruínas de esperanças.

O cruzado enganou o povo. Falhou na hora em que mais altas bailavam as nuvens das ilusões douradas dos salários valorizados, dos preços estáveis e do acesso aos cobiçados bens de consumo.

As eleições de 15 de novembro forjaram 23 lideranças estaduais. Quase todas em baixa, todas em esmerilhante desgaste.

A pobre da Constituinte não chegou a galvanizar a ansiedade nacional. Anda tão por baixo a instituição parlamentar depois de anos de desmoralização e da reincidência dos escândalos, que o povo apostou modestas fichas na futura Constituição. Em todo o caso, representou uma fresta no espesso muro da decepção.

Às vésperas das rodadas decisivas de votação do anteprojeto de Constituição, a Constituinte vai murchando, perdendo gás, mirrando. O que se vislumbra no nevoeiro de informações contraditórias é um monstro, inchado na obesidade de mais de 500 artigos, cabido do oportunismo no qual cada parlamentar pendurou a bandeirola da sua reeleição. Só um milagre salvará a Constituinte de um desastre que já se avizinha do ridículo.

Se o Governo, no seu conjunto, falha, a receita é apelar para a oposição. Mas, onde anda escondida a Oposição? Em que legenda, em que escudo se acoitá? Algumas iniciativas isoladas ou de agremiações alternativas não configuram uma oposição estruturada, com presença parlamentar e um projeto alternativo.

Não há no quadro de transição uma única liderança com efetiva penetração nacional, capaz de aglutinar desencantos e assumir o comando do desfecho.

Tais evidências sofridas explicam os desatinos lamentáveis. O túnel escuro desembocará na claridade. Mas, por enquanto, não há luz à vista.

JORNAL DO BRASIL

1 JUL 1987